

O gênero conto ganhou nos Estados Unidos, de um cinquenta anos para cá, popularidade imensa. Cada uma das numerosas revistas consome meia centena de contos anualmente, e paga-os bem; as de maior tiragem compram um conto, de vez em quando, por preço superior ao que bons romancistas de outros países ganham em toda a vida. Não é, pois, de surpreender que haja manuais sobre a maneira de escrever contos, cursos para futuros contistas e certo número de receitas para o gênero de maior cotação no mercado.

Na maioria dos casos, tais receitas derivam do estudo dos volumes de O. Henry, cujas narrativas representam melhor tipo ideal exigido pelos leitores e pelos diretores dos grandes magazines: o conto "que proporciona o máximo de sensações e de surpresa dentro do mínimo de tempo".<sup>111</sup>

O. Henry (1862-1910), pseudônimo de William Sidney Porter, nasceu em Greensboro, na Carolina do Norte. Aos três anos perdeu a mãe; o pai, médico interessado em invenções das mais fantásticas (entre elas o perpetuum mobile), pouco se ocupou com o filho, confiando-o à tia, diretora de uma escola primária. Foi ela quem despertou no sobrinho o interesse pela literatura.

Ajudante de farmacêutico aos 15 anos, aos vinte William transferiu-se para o Texas à procura de melhor clima. Em Austin, empregou-se no First National Bank, casou-se e, nas horas vagas, fazia caricaturas e crônicas para os jornais. Contratado pelo Daily Post, de Houston, optou definitivamente pelo jornalismo. Já estava trabalhando desde um ano antes nesse novo posto, muito de seu agrado, quando é judiciariamente intimado a voltar a Austin para defender-se da acusação de apropriação indébita de mil e poucos dólares, no tempo em que era caixa do First National Bank. Parece que a falta era devido à desorganização desse instituto e não à desonestidade de O. Henry, de todo inocente segundo uns, culpado apenas de desordem segundo outros.<sup>112</sup> Mas o infeliz perdeu a cabeça e, em vez de voltar para Austin, onde poderia ter logrado absolvição, embarcou para Honduras e lá permaneceu mais de um ano. A notícia da doença da mulher fê-lo voltar; chegou a tempo de assistir-lhe à agonia. Julgado logo depois, foi condenado (sobretudo por motivo de sua fuga) a cinco anos de cárcere, pena que o seu procedimento exemplar reduziu de um terço. Na prisão continuou a escrever, sob o pseudônimo adotado anteriormente à condenação, suas histórias, cada vez mais aceitas pelo público. Saiu do presídio humilhado, mas com a experiência do sofrimento. Passou

os oito últimos anos de vida em Nova Iorque, continuando a produzir contos em ritmo intenso, mais de um por semana. Em 1905 publicou a primeira coletânea de tais narrativas, seguida de outras numa sucessão rápida. Ao morrer, a tiragem de seus livros excedia quatro milhões de exemplares.

As três grandes experiências da vida de O. Henry foram o exílio voluntário em Honduras, o encarceramento e os anos passados em Nova Iorque. As reminiscências do desterro alimentam o volume *Couves e reis*, romance de construção frouxa, formado por uma série de contos, e no qual a vida pitoresca das repúblicas centro-americanas é relatada com bom humor. Seu contato com o crime e a miséria o levou a tratar com frequência da vida dos pobres, dos malandros e dos bandidos, cuja linguagem reproduz com fidelidade e ternura. Foi também o primeiro a aproveitar plenamente o material romanesco da metrópole de Nova Iorque, nos contos de *Os quatro milhões* (número dos habitantes da capital na época) e em muitos outros.

É hoje muito discutido o valor artístico dos contos de O. Henry. “Tem narrativas e trechos em que a vida cotidiana e terra a terra do americano médio é bem observada e reproduzida com exatidão; mas, pelo desfecho sensacional que lhes dá para orná-las de um atrativo que não teriam naturalmente, seus quadros perdem a realidade e acabam sendo tão pouco verdadeiros como os de Bret Harte.”<sup>113</sup> Suas personagens são apenas tipos, símbolos ou caricaturas.”<sup>114</sup> Segundo outro crítico, “quanto aos seus ingredientes, é melhor não os examinar muito de perto — mas os contos são quase sempre divertidos, o que era, afinal de contas, o principal intuito do autor”.<sup>115</sup>

Suas características são — além do desenlace imprevisto — o abuso da antítese, dos efeitos de surpresa e das construções engenhosas, a acumulação de reminiscências mitológicas, bíblicas e literárias, misturadas a comparações vulgares ou cômicas. Muitas vezes o golpe é assestado no leitor desde o título, que lhe submete a imaginação a verdadeiro rodopio. “O loto e a garrafa”, “A vitrola e a marmelada”, “O califa, cupido e o relógio” são algumas amostras deste processo, nem sempre de gosto seguro. O estilo, barroco e heterogêneo, cheio de imagens rebuscadas, expressões disparatadas, termos giriescos, trocadilhos e assonâncias,<sup>116</sup> tem um cunho pessoal, dificilmente imitável. Sem embargo de todos estes excessos, certos contos de O. Henry ainda se leem sempre com agrado. De nossa parte, preferimos, ao lado do que segue,<sup>117</sup> “Uma reportagem municipal”, na qual o autor, com técnica notável, conta um assassinato presenciado por ele numa cidadezinha, bem-desenhada em poucos traços, para demonstrar quanto é falsa a acusação de monotonia assacada à vida provinciana. Recentemente o cinema — com o título de *O. Henry’s full house* — apresentou uma adaptação de quatro contos seus, entre eles “A dádiva dos Magos”, um dos mais famosos e mais típicos, se não dos melhores: nesse episódio, o marido e a mulher pobres vendem o que têm de mais

precioso — ele o relógio, ela os cabelos — a fim de comprar presentes de Natal um para o outro: pentes para ela, uma corrente de relógio para ele.

## O QUARTO MOBILIADO

Inquieta, instável e fugaz, como o próprio Tempo — assim é uma considerável massa da população do bairro de tijolos vermelhos do baixo West Side. Sem possuir um lar, tem centenas de lares. Vagueia de um quarto mobiliado para outro, povo eterno de emigrantes — emigrantes de casa, de coração, de espírito. Cantam “Lar, doce lar” em ragtime,<sup>118</sup> carregam consigo seus lares numa caixa de gravatas; sua parreira enrosca-se em volta de um chapéu de palha, sua figueira é uma planta de borracha.

Por isso as casas desse bairro, depois de terem visto mil inquilinos, devem de ter mil histórias para contar, tediosas, sem dúvida, na maioria; mas seria de estranhar não houvesse pelo menos um ou dois fantasmas no rasto de tantas almas penadas.

Certo dia, após o entardecer, um rapaz percorria aquelas casas vermelhas meio desmornadas, tocando uma campainha após a outra. Ao chegar ao duodécimo portão, depôs a maleta na escada e tirou a poeira da fita do chapéu e da testa. A campainha soou tenuemente, lá longe, em algum fundo remoto e vazio.

Ao portão daquela casa, a duodécima cuja campainha ele tocou, surgiu a porteira, cuja aparência lembrava algum verme nocivo empanturrado por haver devorado a sua noz até a casca, e que lhe procurasse encher o vácuo de inquilinos comestíveis.

Perguntou-lhe o rapaz se tinha um quarto para alugar.

— Pode entrar — disse a porteira, cuja voz veio de uma garganta que parecia forrada de pelica. — No terceiro, o quarto dos fundos está desocupado há uma semana. O senhor quer ver?

O moço acompanhou-a escada acima. Uma luz fraca, de origem indeterminada, atenuava as trevas dos corredores. Avançaram, sem fazer ruído, sobre um tapete que o próprio tear haveria renegado. Parecia ter-se tornado vegetal, ter degenerado, naquela atmosfera rançosa e impermeável ao sol, num líquen viçoso ou num musgo exuberante que invadissem a escada aos pedaços, dando a quem pisava a sensação viscosa de alguma matéria orgânica. A cada volta da escada viam-se, na parede, nichos vazios. Talvez outrora guardassem plantas: então elas haviam morrido no ar viciado, infeto; ou, porventura, estátuas de santos, e então não era difícil imaginar uma legião de demônios e diabretes que as houvessem arrastado pelas trevas para a maldita profundidade de algum abismo mobiliado.

— O quarto é este — disse a porteira, de dentro de sua garganta forrada. — Um belo quarto. É raro ficar vazio. No verão passado tive aqui pessoas distintas; não davam

incômodo algum, e pagavam adiantado, na hora. A privada fica no fundo do corredor. Sprowls e Mooney ocuparam este quarto durante três meses. Os dois executavam um número numa revista. Miss B'retta Sprowls... o senhor deve ter ouvido falar.. Eram só nomes de teatro, naturalmente... A certidão de casamento estava exposta ali, em moldura, acima do toucador. O gás é aqui. Como o senhor vê, há muito lugar para guardar coisas. É um quarto de que todos gostam. Nunca fica desocupado por muito tempo.

— A senhora tem gente de teatro morando aqui? — perguntou o rapaz.

— Eles vão e vêm. Boa parte dos meus inquilinos é gente ligada a teatro. Sim, senhor, isto aqui é o bairro teatral. Mas gente de teatro não para em lugar nenhum. Alguns passam por aqui. Sim, senhor, eles vão e vêm.

O rapaz alugou o quarto, pagando adiantado uma semana. Estava cansado — disse — e queria instalar-se imediatamente. Foi contando o dinheiro e passando-o à mão da mulher. O quarto estava pronto — declarou ela depois: toalhas, água, tudo preparado. No momento em que a dona da casa ia sair ele pronunciou, pela milésima vez, a pergunta que trazia na ponta da língua:

— Uma moça... a srta. Vashner... a srta. Heloísa Vashner... a senhora por acaso não se lembra deste nome entre os seus locatários? Cantora de um desses teatros, provavelmente. Uma bela moça, esbelta, de estatura média, cabelos dum ouro avermelhado, e uma manchazinha escura perto da sobrancelha esquerda.

— Não, não me lembro desse nome. Essa gente de teatro muda de nome tão facilmente como de quarto. Eles vão e vêm. Não, senhor, dessa eu não me lembro.

Não, sempre não. Cinco meses de pesquisa incessante, e sempre aquela inevitável negativa. Quantos dias gastara em interrogar empresários, agentes teatrais, escolas e orquestras, quantas noites em percorrer os teatros, desde os que contratam as maiores estrelas até music-halls de tão baixa categoria que receava encontrar o que mais desejava! Ele, que a amara melhor que todos, procurava descobri-la. Estava certo de que, desde o seu desaparecimento, a grande cidade cercada de água a tinha guardado em alguma parte; porém a cidade semelhava uma praia monstruosa de areia movediça, sem alicerces, cujas parcelas se mexiam sem descontinuar; os grânulos que hoje estavam em cima, estariam amanhã enterrados no lodo e na lama.

O quarto mobiliado acolheu o seu novo hóspede com um rápido acendo de pseudo-hospitalidade, uma saudação héctica, macilenta e negligente como o sorriso enganador de uma aventureira. A cintilação reverberada dos móveis decaídos, do estofado de brocado roto de um canapé e duas cadeiras, do espelho barato, com um pé de largura, colocado entre as duas janelas, de uma ou duas molduras douradas, e de uma armação de cama, de bronze, a um canto, anunciava um conforto sofisticado.

O hóspede encostava-se, inerte, a uma cadeira, enquanto o quarto, numa língua

confusa como se fosse um apartamento de Babel, tentou conversar com ele sobre seus inquilinos precedentes.

Um tapete multicolor, semelhante a uma ilha retangular dos trópicos, coberta de flores brilhantes, jazia cingido pelo encapelado mar de uma esteira sórdida. Na parede forrada de papel vistoso exibiam-se os quadros que perseguem os sem-lar de uma casa para outra: Os amantes huguenotes, A primeira rusga, A merenda nupcial, Psique ao pé da fonte. Os contornos castamente severos do pano da lareira estavam ingloriamente velados por uma cortina petulante, licenciosamente puxada de lado como os cintos do ballet das Amazonas. Sobre ela se viam alguns destroços melancólicos rejeitados pelos náufragos do quarto quando um navio feliz os levava a novo porto: um ou dois vazios insignificantes, retratos de atrizes, um frasco de remédio, cartas extraviadas de um baralho.

Um por um, assim como se vão decifrando os caracteres de um criptograma, assim os pequenos sinais deixados pela procissão de hóspedes do quarto mobiliado iam adquirindo sentido. O trecho gasto no tapete em frente do toucador contava que entre eles houvera mulheres graciosas. Na parede, finas impressões digitais falavam de pequenos prisioneiros buscando o seu caminho para o sol e o ar. Difusa mancha, cujas ramificações evocavam uma bomba rebentada, mostrava onde se despedaçara um copo ou uma garrafa arremessada à parede com seu conteúdo. Através do vidro do espelho, um diamante garatujara em letras hesitantes o nome de "Maria". Dir-se-ia que a sucessão dos habitantes do quarto mobiliado fora acometida de loucura, talvez exasperada pela fria garridice do lugar, e sobre ele descarregara as suas paixões. Os móveis estavam estraçalhados e contundidos; deformado por lhe haverem sido rebentadas as molas, o canapé lembrava um monstro horrível, morto durante um acesso de convulsões atrozes. Alguma poderosa sublevação arrancara grande pedaço de mármore do pano da lareira. Cada prancha do soalho tinha a sua linguagem e gritava sua agonia individual. Parecia incrível tivesse o quarto sido alvo de tanta malícia e perversidade por parte de seres que durante algum tempo lhe chamaram o seu lar; no entanto, talvez fosse o instinto familiar, inconscientemente sobrevivivo, e o ressentimento raivoso contra os falsos deuses familiares, que lhes houvessem acendido a ira. A gente pode varrer, adornar e amar uma cabana, desde que seja sua.

Sentado na cadeira, deixava o jovem inquilino que tais pensamentos lhe passassem, com pés de lã, pelo espírito, enquanto sons de pensão e perfumes de pensão começavam a penetrar no quarto. Chegou-lhe aos ouvidos, de um quarto ao lado, uma risada frouxa malcontida; de outros, o monólogo de uma mulher rabugenta, um ruído de dados, um acalento e um soluço triste; em outro, acima, um banjo retinia com animação. Algures, batiam-se portas; de quando em quando, troavam trens; miava um gato desesperado, num muro atrás do prédio. E ele respirava o hálito da casa, antes um sabor úmido que

um cheiro, um eflúvio frio e bolorento, como que vindo de uma caverna subterrânea de mistura com exalações de linóleo e de madeiramento podre e bichado.

Depois, de súbito, enquanto ele repousava, o quarto encheu-se de um perfume adocicado e forte de resedá. Veio como uma lufada de vento, com tal certeza, fragrância e intensidade que por um triz não parecia uma visita viva. E o rapaz perguntou alto:

— Que é, querida?

Como se alguém o tivesse chamado, levantou-se de um salto e olhou em redor. O rico perfume prendia-se-lhe, envolvia-o. Com todos os sentidos excitados e confusos, estendia as mãos para ele. Era possível ser chamado peremptoriamente por um perfume? Fora um som, decerto. Não fora um som que o tocara, que o acariciara?

— Ela esteve neste quarto! — gritou.

E correu para agarrar um sinal daquilo, pois — tinha certeza — reconheceria a menor coisa que lhe houvesse pertencido ou que ela houvesse tocado. Esse envolvente perfume de resedá, o cheiro que ela amara e de que se apropriara, de onde vinha?

O quarto fora arrumado sem muito zelo. Sobre o pano barato do toucador havia meia dúzia de grampos de cabelo, esses discretos e indistinguíveis amigos da mulher, de gênero feminino, modo infinito e tempo indeterminado, dos quais ele nem tomou conhecimento, consciente de sua triunfante falta de identidade. Revolvendo as gavetas do toucador, descobriu um velho lenço pequenino, rasgado. Apertou-o contra o rosto. Exalava o lenço um perfume acre e insolente de heliotrópio; arremessou-o no chão. Em outra gaveta encontrou botões esquisitos, um programa de teatro, o cartão de um penhorista, duas flores de malvaíscos perdidas, um livro acerca da interpretação dos sonhos. Na última, uma fita de cetim preto, para cabelos de mulher, que o deteve, vacilante entre gelo e fogo. Mas a fita de cetim preto era também um adorno comum, impessoal, reservado, da feminilidade, e que não conta histórias.

Então revistou o quarto como um cão no rastro da caça, roçando as paredes, examinando os vestígios que as saliências da esteira lhe deixaram nas mãos e nos joelhos, esquadrinhando o pano da lareira e as mesas, as cortinas e as tapeçarias, a escrivaninha capenga do canto, à cata de um sinal visível — incapaz de perceber que ela estava ali à volta, ao lado, dentro e acima dele, agarrando-se-lhe, implorando-o, chamando-o com tamanho desespero através dos sentidos mais sutis que até os mais rudes perceberam o apelo. Mais uma vez ele respondeu em voz alta:

— Sim, querida!

E com os olhos alucinados voltou-se de repente, fixando o vácuo, pois ainda não podia discernir formas e cores e amor e braços estendidos no perfume de resedá. Santo Deus! de onde vinha aquele perfume, e desde quando perfumes tinham voz para chamar? E continuou tateando.

Perscrutou fendas e cantos, e encontrou cigarros e rolhas, pelos quais passou com

mudo desdém. Mas encontrou também, numa dobra de esteira, um charuto meio consumido, e esmagou-o sob o tacão com vigorosa praga. Vasculhou o quarto de uma extremidade à outra. Achou pequenas lembranças, tristes e ignóbeis, de mais de um inquilino peripatético; mas daquela a quem ele procurava, e que podia ter morado ali, e cujo espírito parecia ali pairar, não encontrou o menor vestígio.

Lembrou-se, então, da porteira.

Desceu a correr do quarto mal-assombrado e bateu a uma porta por cuja fenda saía um pouco de luz. A porteira apareceu. Ele perguntou-lhe, refreando ao máximo a excitação:

— A senhora pode-me dizer quem ocupou o meu quarto antes de mim?

— Sim, senhor. Posso-lhe dizer mais uma vez. Foram Sprowls e Mooney, como já disse. Srta. B'retta Sprowls era o seu nome de guerra, porém ela era sinhá Mooney. A minha casa é bem conhecida como casa de respeito. A certidão de casamento, emoldurada, estava pendurada num prego acima do...

— Que espécie de mulher era Miss Sprowls — quero dizer, de que aparência?

— Bem, uma senhora de cabelos pretos pequena e gorda, com uma cara cômica. Eles saíram há uma semana, na terça-feira.

— E antes deles?

— Bem, antes foi um senhor só que trabalhava nos transportes. Saiu devendo uma semana. Antes dele foi sinhá Crowder e seus dois filhos, que ficaram quatro meses; antes deles, o velho sr. Doyle, cuja conta era paga pelos filhos. Isto já vai a um ano, como o senhor vê; mais longe, não me lembro mais.

Ele agradeceu e arrastou-se para o seu quarto. O quarto estava morto. A essência que o tinha animado fora-se embora. O perfume de resedá partira. Em seu lugar havia outra vez o velho cheiro cediço de móveis bolorentos, uma atmosfera de armazém.

O refluxo de sua esperança esgotara-lhe a fé. Sentou-se, olhando fixo para a luz amarela e sibilante do gás. Pouco depois, dirigiu-se à cama e principiou a rasgar os lençóis em pedaços. Com a lâmina do canivete fincou-os em todas as frinchas à volta das janelas e da porta. Quando tudo estava bem fechado, apagou a luz, novamente abriu o gás e deitou-se na cama, agradecido.

Aquela noite era a vez de a sra. McCool ir buscar cerveja com a caneca. Foi, e veio sentar-se ao lado da sra. Purdy num desses retiros subterrâneos onde as porteiras costumam reunir-se e onde o remorso raramente morre.

— Esta tarde aluguei o quarto do fundo do terceiro a um rapaz — disse a sra. Purdy através de um leve círculo de espuma. — Ele foi deitar-se há duas horas.

— Alugou mesmo? — perguntou a sra. McCool com intensa admiração. — A senhora é um assombro, para alugar quartos como este. Será que disse a ele? — concluiu num cochicho rouco, cheio de mistério.

— A gente mobília os quartos é para alugá-los — afirmou a sra. Purdy em seu tom mais forrado. — Eu não lhe disse nada, sra. McCool.

— A senhora tem razão. A gente vive é de alugar quartos. A senhora tem mesmo o senso do negócio. Há muita gente por aí que recusa um quarto se lhe dizem que um suicida morreu na cama.

— Como diz a senhora, a gente tem de cuidar da vida — observou a sra. Purdy.

— Ora se tem! Faz hoje exatamente uma semana que a ajudei a arrumar o quarto de fundo do terceiro. Que bonita moça aquela que se matou com gás! Tinha um lindo rostinho, não é, sra. Purdy?

— Poderia dizer-se que ela era bonita — observou a sra. Purdy concordando, mas não sem reservas — se não fosse aquela mancha que tinha perto da sobrancelha esquerda. Encha o copo mais uma vez, sra. McCool.